

## UM BREVE PANORAMA SOBRE O LÉXICO EM LINGUÍSTICA COGNITIVA

### AN OVERVIEW OF LEXICAL APPROACH ON COGNITIVE LINGUISTICS

Caio Cesar Castro da Silva

Doutorando em Língua Portuguesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Brasil

Bolsista de Doutorado do CNPq

Mestre em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ

Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET-RJ, Brasil.

caiocvianna@gmail.com

#### Resumo

Neste trabalho, faz-se uma introdução aos estudos lexicais de base cognitiva. Para tanto, são apresentados conceitos importantes para o entendimento do léxico, como polissemia, metáfora e relações de herança. Demonstraremos com base em alguns dados que a formação de palavras pela linguística cognitiva se baseia em padrões construídos no uso da língua.

**Palavras-chave:** léxico; linguística cognitiva; polissemia.

#### Abstract

This paper aims to provide a brief introduction to lexical studies on cognitive linguistics. Some relevant notions, like polysemy, metaphor and network links will be discussed as well. Based on some examples from Portuguese, we intend to demonstrate that word formation on a cognitive perspective should be analysed as usage-based patterns.

**Key-words:** lexicon; cognitive linguistics; polysemy.

## 1. Introdução

Traçamos, neste estudo de revisão, um breve panorama dos principais postulados da Linguística Cognitiva e do tratamento dispensado ao léxico nessa vertente, adotando, portanto, uma perspectiva lexicalista, na qual processos referentes à análise e à criação de novas palavras ocorrem num domínio específico da gramática, o léxico. Não prevemos, todavia, uma separação entre esse domínio e os demais domínios gramaticais, como a sintaxe ou a fonologia: todos fazem parte de um mesmo contínuo.

Assumimos a posição de Basilio (2011), que define o léxico como

um espaço de formas simbólicas, isto é, formas se associam a conceitos. Estas formas, as unidades lexicais, cujas possibilidades de evocação são infinitas, dependendo das circunstâncias que podem envolver desde a história da língua e a história dos falantes envolvidos numa situação linguística e sociocultural, até relações entre formas e suas potenciais evocações.

Percebe-se, nesse trecho, uma orientação para a possibilidade de uma unidade lexical ser polissêmica, o que constitui um efeito de mudanças no âmbito da língua, já que a ativação de novos sentidos surge da necessidade de elaborar um mundo dinâmico. Essa ativação de novos sentidos pode ser operada por inúmeros processos conceptuais, como metáfora, ajuste focal e metonímia, aos quais daremos ênfase durante a descrição teórica.

## 2. Noções gerais sobre linguística cognitiva

A insurgência de um pensamento relativista no último quartel do século XX pretendeu romper com um paradigma cartesiano que se instaurou na linguística contemporânea, presente, principalmente, na concepção gerativista de linguagem. Não se assumiu, nesse novo construto teórico, simplesmente uma tese relativista – que, apesar de remontar aos gregos antigos, ganhou contornos mais nítidos com os trabalhos de Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf – cujo preceito se refere à determinação do pensamento a partir da linguagem. O relativismo que decorre com a Linguística Cognitiva se reveste de um caráter experientialista, que permite perceber uma forte influência da cultura na relação entre a linguagem e o pensamento.

Salomão (1997: 34), ao comentar a revisão da hipótese de Sapir-Whorf no âmbito cognitivista, argumenta que não há mais o cotejo entre línguas descontextualizadas, pois

neste campo será possível distinguir entre restrições cognitivas, possivelmente do escopo universal (estratégias de *categorização*, da *acessibilidade a espaços epistêmicos*, de *difusão*, *projeção e mesclagem de domínios conceptuais*), e informações sócio-situacionais específicas (*modelos cognitivos idealizados*, *funções-enquadre*, *táticas de enquadramento*), que sempre constituíram o objeto de estudo da antropologia linguística de todos os matizes.

A Linguística Cognitiva se caracteriza por não ser uma corrente teórica bem delimitada, mas por ter assunções convergentes. A esse movimento teórico, Geeraerts (2006: 2) atribui a metáfora de um arquipélago conceptual, cujas ilhas interagem através da experiência humana no meio social. Na verdade, a gramática cognitiva (Langacker, 1986), a teoria da integração conceptual (FAUCONNIER & TURNER, 2002), a estrutura radial e os protótipos (LAKOFF, 1987), a construção gramatical (GOLDBERG, 1995; BOOIJ, 2010) e o modelo de uso (CROFT & CRUSE, 2004; BYBEE, 2010) se relacionam a partir da hipótese de que a linguagem é um produto cognitivo de conceptualização.

Segundo a hipótese da motivação conceptual da gramática, as estruturas gramaticais estão diretamente relacionadas à maneira como as pessoas pensam e entendem qualquer situação do mundo. Logo, para os cognitivistas, a linguagem é compreendida como uma habilidade interligada às demais habilidades da cognição humana – tanto que alguns pesquisadores (FAUCONNIER & TURNER, 2002; TOMASELLO, 2003) argumentam que a origem da linguagem ocorreu no mesmo intervalo de tempo em que outros produtos cognitivos surgiram, como as artes, o uso de ferramentas e a religião, por exemplo. Fauconnier & Turner destacam o fato de que todos esses produtos da cognição são sociais, ou seja, mantêm fortes relações com o meio que os fomenta. Rejeita-se, portanto, a tese de que a linguagem é autônoma, carregada pelo estruturalismo e pelo gerativismo. O primeiro aponta a linguagem como uma estrutura descontextualizada (SAUSSURE, 2006) e o segundo entende a linguagem como uma faculdade independente de outros conhecimentos (CHOMSKY, 1986). Na Linguística Cognitiva, ao contrário, o conhecimento da linguagem se alinha ao conhecimento de outras habilidades, como a percepção e o raciocínio matemático, do mesmo modo que o conhecimento enciclopédico se equipara ao conhecimento linguístico.

Anula-se, na Linguística Cognitiva, a concepção modular da gramática, cujas partes passam a ser compreendidas como segmentos de um contínuo, tornando-as bases flexíveis e prototípicas, em vez de átomos isolados. Nesse sentido, o léxico, a morfologia, a fonologia e a

sintaxe interagem através de operações que moldam o processamento cognitivo. Em outras palavras, por ser uma teoria não modular, a Linguística Cognitiva não admite divisões entre os vários domínios constituidores da linguagem: morfologia, sintaxe e fonologia são vistas como categorias contínuas, e não como módulos separados. Não se constata, sobretudo, a superioridade da sintaxe sobre os demais domínios da linguagem: todos são dependentes de uma necessidade conceptual da cognição humana.

Conforme Goldberg (1995) defende, elementos do léxico não são totalmente diferentes de elementos da sintaxe, porque um morfema é um pareamento de forma e conteúdo da mesma maneira que uma oração simples o é. A inexistência de fronteiras entre esses vários domínios favorece o entendimento de que mudanças em um domínio podem afetar outras partes da gramática, porque há interação na passagem da morfologia para a fonologia, ou da morfologia para a sintaxe, por exemplo.

Com os postulados cognitivistas de não modularidade da linguagem, perde-se também a dicotomia saussuriana entre sincronia e diacronia. Saussure (2006 [1916]) estabelece a distinção entre dois tipos de Linguística, uma interessada no estado da língua em um determinado período de tempo (sincrônica) e outra, na evolução da língua ao longo do tempo (diacrônica). A ênfase na sincronia, que prevê o estudo “das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistemas, tais como são percebidos pela consciência coletiva” (SAUSSURE, 2006 [1916]: 116), afasta a investigação de fenômenos linguísticos dos efeitos do tempo. Na Linguística Cognitiva, ao contrário, sincronia e diacronia passam a ser analisados como estados de tempo intercambiáveis, uma vez que muitos fenômenos diacrônicos apresentam reflexos na sincronia. Podemos, então, buscar explicações para fatos da linguagem que se desenvolvem no presente em ocorrências do passado. Sobre isso, Sweetser (1990: 9) declara que a “polissemia sincrônica e a mudança histórica de significado realmente fornecem os mesmos dados em diversos aspectos”<sup>1</sup>. Isso evidencia que a mudança diacrônica não deve ser abrupta, mas deve acontecer gradualmente em diferentes estágios de tempo.

A ruptura com a hipótese da modularidade da gramática não pressupõe, entretanto, um afastamento das assunções cognitivas. De acordo com Ferrari (2011), embora tenha havido uma negação da ideia de que a linguagem se constitui como um módulo independente de outras habilidades cognitivas, manteve-se o compromisso cognitivista. Continua, com relação à cognição, filiada aos mesmos princípios regentes da gramática gerativa, de que a linguagem

---

<sup>1</sup> Synchronic polysemy and historical change of meaning really supply the same data in many ways.

tem origem nas estruturas mentais: a característica compartilhada pelas duas empreitadas teóricas é a mediação da mente entre o indivíduo e o mundo. No entanto, Silva (1997: 65) relata que essa herança mentalista aponta para dois caminhos:

a gramática gerativa interessa-se pelo conhecimento da linguagem (tomando-a, portanto, não como meio, mas como objecto da relação epistemológica) e procura saber como é que esse conhecimento é adquirido, ao passo que a linguística cognitiva interessa-se pelo conhecimento através da linguagem e procura saber como é que a linguagem contribui para o conhecimento do mundo.

Seguem também caminhos diferentes em razão dos focos de análise adotados serem distintos, visto que a forma, representada pela sintaxe, ocupa o centro dos estudos gerativistas e a semântica sobressai nos trabalhos cognitivistas. É uma influência da origem gerativista dos primeiros pesquisadores (George Lakoff, Ronald Langacker, Gilles Fauconnier, entre outros) que, insatisfeitos com o modelo, se voltaram para a integração entre sintaxe e semântica numa perspectiva não modular. Não é, contudo, uma continuação da semântica praticada no âmbito da Linguística Gerativa. Como explica Langacker (1986: 4), “a gramática cognitiva não é em nenhum sentido possível uma consequência da semântica gerativa, mas compartilha com esta concepção uma preocupação em lidar explicitamente com o significado”<sup>2</sup>.

Esse movimento teórico baseia-se no fato de que mecanismos conceptuais desempenham um importante papel nas estruturas gramaticais, havendo, portanto, uma relação entre linguagem e significado conceptual. Esse postulado se espraia em quatro concepções, que são complementares (GEERAERTS, 2006): o significado linguístico é perspectivizado; o significado é flexível e dinâmico; o significado é enciclopédico e não autônomo; e o significado é baseado no uso e na experiência.

O significado é um meio de modelar o mundo, que está sempre em constante transformação, a partir da perspectiva que adotamos. Como esse mundo construído é dinâmico, nem o significado nem a linguagem podem ser estáveis, mas sempre atualizáveis nos diferentes contextos sociodiscursivos. Assim, nossa experiência está intrinsecamente relacionada à flexibilidade do significado, uma vez que emerge das nossas relações empíricas.

Essa flexibilidade do significado tem origem na dinamicidade dos processos constitutivos da linguagem, que nos possibilita transferir a atenção da estrutura gramatical para a atuação dos aparatos cognitivos no uso da linguagem. A representação linguística, que,

---

<sup>2</sup> “Cognitive grammar is not in any significant sense an outgrowth of generative semantics, but it does share with that conception a concern for dealing explicitly with meaning” (LANGACKER, 1986: 4)

em perspectivas estruturalistas e gerativistas, era a única responsável pela representação na mente do falante, não interessa, como mecanismo isolado, aos cognitivistas. Prevalece a ideia de que processos que atuam em outras áreas da cognição, como a metáfora e os esquemas imagéticos, podem moldar a representação linguística na mente do falante, porque emergem do uso.

Entende-se, portanto, que (i) a metáfora compõe a arquitetura do pensamento cotidiano (LAKOFF & JOHNSON, 2002 [1980]); (ii) a frequência altera o padrão de estocagem e ativação dos subesquemas (CROFT & CRUSE, 2004); e (iii) as experiências sensorio-motoras dos sujeitos são ativadas nos mecanismos cognitivos.

A partir dessas premissas previstas num modelo, acima de tudo, de conceptualização, delineamos, na próxima subseção, uma concepção de léxico cognitivista.

### 3. O léxico

O surgimento de novos verbos no português, como ‘twitter’, ‘blogar’ ou ‘deletar’ não são casos de neologismos, mas demonstrações de que há um padrão que todo falante nativo do português pode capturar. A entrada de bases estrangeiras por empréstimo tem a ver com a mudança tecnológica que se impõe no mundo atual, conectando sociedades e catapultando um sem número de informações por segundo. O desempenho da nossa mente e, por consequência, o funcionamento do léxico acontecem do mesmo modo, que devem ser organizados, então, para modelar um espaço que está em constantes revoluções.

As bases das formações acima, ‘twitter’, ‘blog’ e ‘delete’, respectivamente, estão relacionadas à área da informática e, com o empréstimo, são indexadas no léxico do português, i.e., tornam-se entradas lexicais. A necessidade dos falantes do português brasileiro em expressar ações que envolvam essas unidades lexicais faz com que elas sejam unificadas em uma construção particular da língua, a saber  $[[x]_{N_j} ar]_{V_i}$ . No caso,  $[x]$  é uma variável que representa as palavras que instanciam novo material lexical. Interessante notar que no caso de ‘delete’ apaga-se a informação de que era um verbo em inglês, mas focaliza-se a função da tecla ‘delete’, que é a de apagar alguma informação no computador. Por operações cognitivas, como a metonímia e a integração conceptual, o sentido de ‘deletar’ é expandido, possibilitando seu uso em outros contextos, como o da frase abaixo.

(1) Coluna Neura: Os homens que deletei da minha vida depois dos 20.<sup>3</sup>

Os três verbos citados anteriormente, ‘twittar’, ‘blogar’ e ‘deletar’, têm em comum o esquema do qual são instanciados. Esse esquema se caracteriza por ser o mais produtivo na formação de verbos no português, o que aumenta a probabilidade de que novos itens venham a ser formados a partir de sua unificação. Inconscientemente, o falante nativo do português brasileiro reconhece que um considerável grupo de verbos do português se caracteriza por ativar o esquema  $[[x]_{Nj}ar]_{Vi}$ , o que o torna mais entrincheirado no léxico. Assim, sempre que surge a necessidade de instanciar um novo verbo, esse esquema é acessado mais rapidamente, pelo fato de já estar programado na nossa mente como o mais produtivo.

Cabe destacar que essas operações aconteceram com base em palavras, e não em morfemas, remetendo-nos ao modelo palavra-paradigma, um dos vieses pelos quais a morfologia pode ser analisada. A linguística pós-bloomfieldiana se ocupou em verificar os itens morfológicos a partir de morfemas, posição que foi abandonada, com o avanço dos estudos gerativistas, em favor de um modelo que atribuísse a significação à palavra e às relações entre os itens do léxico (ARONOFF, 1976). Basilio (1980: 42) endossa essa proposta de processos que ocorrem no léxico ao afirmar que

dentro de uma abordagem gerativa, palavras são formadas por regras e/ou analisadas por regras, de modo que o estabelecimento de entidades como morfemas ou afixos, como elementos separados de regras e bases, constitui uma repetição desnecessária e, provavelmente, indesejável.

No modelo construcionista em que nos baseamos (BOOIJ, 2010; BYBEE, 2010; GOLDBERG, 1995), a palavra também é o centro das investigações, tanto que é marcada com um índice subscrito que a identifica no léxico. Os afixos, ao contrário, não recebem marcação por não serem livres, mas por aparecerem vinculados a uma construção. Isso reforça que, em um modelo baseado em palavras, os afixos não são as unidades analisadas, mas atuam na instanciação de novos itens através de construções ou esquemas.

Tomasello (2003) declara que a aquisição de esquemas acontece a partir do uso, ou seja, através do armazenamento em nossa mente de casos concretos de uso. O falante é capaz de realizar generalizações sobre representações com propriedades similares e adquirir esquemas genéricos que subjazem os dados relacionados. Vemos essa propriedade de

<sup>3</sup> <http://opeixefresco.com/>. Acessado em 23.10.11.

generalização atuando nos exemplos ‘twitter’, ‘blogar’ e ‘deletar’, uma vez que o falante armazenou dados isolados terminados por ‘-ar’, percebeu as similaridades entre as unidades e as particularizou no esquema genérico  $[[x]_{N_j} ar]_{v_i}$ .

Os esquemas são, de acordo com Rumelhart (1980: 34), estruturas simbólicas de representação de conceitos genéricos que são estocados na memória. Em vez de representar definições, esquemas representam conhecimento, que pode ser de qualquer ordem (linguístico, enciclopédico ou compartilhado). Um esquema pode incluir sob seu domínio outros subesquemas, que, por sua vez, podem se desdobrar em outros subesquemas. Esses dispositivos de conhecimento operam de maneira dinâmica na nossa mente, sendo fomentados pelas nossas bases de conhecimento e ativados por conexões de herança e entrincheiramento.

Segundo Goldberg (1995), as construções (ou esquemas<sup>4</sup>) não são estruturas aleatórias, mas motivadas e organizadas a partir de generalizações que são feitas de suas regularidades. As informações são, pois, compartilhadas pelos vários esquemas e seus possíveis subesquemas, fazendo com que o custo de processamento seja menor do que se for especificado em cada esquema. A autora diz que “ao postular hierarquias gerais nas quais os níveis mais baixos herdaram informação dos níveis mais altos, a informação é armazenada eficientemente e de fácil mutação” (GOLDBERG, 1995: 72).

Podemos exemplificar essas relações de herança, que permitem a troca de informações entre as construções, por meio do esquema genérico para a formação de nomes em ‘-eiro’ no português. Gonçalves, Yacovenco & Costa (1998) demonstram que o sufixo apresenta várias possibilidades de significação, como, por exemplo, agente profissional (sapateiro, carteiro, pipoqueiro), agente habitual (funkeiro, maconheiro, romeiro), recipiente (galinheiro, cinzeiro, açucareiro) e árvore (cajueiro, mamoeiro, abacateiro). Pizzorno (2010), numa abordagem cognitiva, defende que esses vários domínios conceptuais estariam relacionados a um centro prototípico com a função de agente, do qual, por operações metafóricas e metonímicas, se projetariam os demais sentidos, como a acepção de vegetal (palmeira, amendoeira). Gentílicos como ‘mineiro’ e ‘brasileiro’ se relacionam metonimicamente com o centro agentivo devido ao fato de designarem originariamente a pessoa que trabalhava nas minas e na colheita de pau-brasil, respectivamente. Por metonímia, passaram a nomear os nativos de um local. Paralelamente, o sentido de árvores se relaciona ao centro agentivo por metáfora, já que o

---

<sup>4</sup> Os termos ‘construção’ e ‘esquema’ não fazem referência ao mesmo conceito, mas há uma extensa discussão sobre qual seria a melhor nomenclatura para fazer referência a uma estrutura simbólica da mente humana. Não faremos, neste trabalho, distinção entre os dois usos, embora saibamos sobre as controvérsias. Para mais detalhes, ver Booij (2010).



‘abacateiro’ é uma árvore que produz abacate, a ‘jabuticabeira’, uma árvore que dá jabuticaba, e assim por diante.

Há, portanto, entre as projeções dominiais, relações de herança, que fazem com que os vários sentidos da construção  $[[x]_{N_j} \text{ eiro}]_{N_i}$  estejam interligados. Em outras palavras, os níveis mais baixos desse esquema geral podem herdar informações dos níveis mais altos. No caso, são compartilhadas as informações semânticas do domínio prototípico, que se caracteriza pela instanciação de agentivos.

De acordo com Goldberg (1995), ao menos, quatro *links* de herança fazem a correspondência entre as construções.

- (a) *Links* por polissemia, nos quais as extensões herdam informações sintáticas e/ou morfológicas do centro;
- (b) *Links* por subparte, em que uma construção é uma subparte de outra, existindo de maneira independente;
- (c) *Links* por instanciação, nos quais uma construção tem funções mais específicas que a outra que a domina;
- (d) *Links* por extensão metafórica, em que se capturam as relações metafóricas do mapeamento entre as construções, explicitando que a construção dominante projeta o sentido metafórico na construção dominada.

Esses *links* são necessários por estabelecerem que as conexões entre as várias construções apresentam uma organização gramatical interna, em vez de projeções aleatórias. Assim, uma construção será motivada à medida que suas informações são herdadas de outras construções da língua. Os verbos ‘deletar’ e ‘twittar’, por exemplo, herdam as informações da construção  $[[x]_{N_j} \text{ ar}]_{V_i}$ , da qual são instâncias. Concomitantemente, a ativação dessas palavras reforça a produtividade desse esquema no léxico, aumentando a probabilidade de formar novas palavras.

#### 4. Considerações finais

O movimento de confluência de teorias, pelo qual se caracteriza a Linguística Cognitiva, permite o diálogo com outros campos de estudo sobre a cognição, como a antropologia e a psicologia. A consequência disso é a observação de operações, antes definidas como estritamente linguísticas, atuando em outras áreas do pensamento humano. É

uma mudança significativa de paradigma linguística, uma vez que sabemos que a criação de uma nova palavra exige muito mais que mero conhecimento linguístico. Como aponta Basilio (2010), na criação da palavra *varredor*, surgem questões linguísticas e sociais. Teria o sufixo nesta palavra, a mesma carga social que tem na formação de *escritor*? Parece claro que a resposta é não.

Neste trabalho, tivemos o objetivo de revisar algumas das principais assunções estabelecidas por um dos modelos teóricos mais produtivos na atualidade, sobretudo no que se refere ao léxico. Como vimos, o conceito de léxico pode ser alterado, conforme seja adotada uma diferente perspectiva teórica, o que traz consequências imediatas para a análise e formação das novas palavras de uma língua.

## 5. Referências bibliográficas

ARONOFF, M. **Word formation in generative grammar**. Cambridge: The MIT Press, 1976.

BASILIO, M. **Estruturas lexicais em português**. Petrópolis: Vozes, 1980.

BASILIO, M. “**Das relações entre texto, gramática e cognição: o foco na cognição**”. Texto apresentado no Encontro InterGTs da ANPOLL. Campinas: UNICAMP, 2011.

BOOIJ, G. **Construction Morphology**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CHOMSKY, Noam. **Knowledge of language, its nature, acquisition and us**. Nova York: Praeger, 1986.

CROFT, W. & CRUSE, D. A. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

FAUCONNIER, G. & TURNER, M. **The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities**. Basic Books: New York, 2002.

FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

GEERAERTS, D. **Cognitive Linguistics: Basic Readings**. Berlin / New York: Mouton de Gruyter. ed. 2006.

GOLDBERG, A. **Constructions**. A construction grammar approach to argument structure. Chicago, Londres: The University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, C. A., YACOVENCO, L. & COSTA, R. “**Condições de Produtividade e Condições de Produção**: uma análise das formas X-eiro no português do Brasil”. Alfa (ILCSE/UNESP), Araraquara, v. 1, n. 42, p. 33-62, 1998.

LAKOFF, G. **Women, Fire and Dangerous Things**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. **Foundations of cognitive grammar**. Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1986.

PIZZORNO, D. M. **Polissemia da construção X-eiro**: uma abordagem cognitivista. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

RUMELHART, D. “**Schemata**: the building blocks of cognition”. In: SPIRO, R. et alii. Theoretical issues in reading comprehension. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1980.

SALOMÃO, M. M. M. “Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sócio-cognitiva sobre a linguagem”. In: **Veredas: revista de estudos linguísticos**. v. 3, n.1. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 1999, p. 61-79.

TOMASELLO, M. **Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, A. S. “A Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma” In: **Revista Portuguesa de Humanidades**. Braga, v.I, 1997, p.59-101.

SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics**. Cambridge: The Cambridge University Press, 1990.

*Recebido em: 23.10.2014*

*Aceito em: 24.11.2014*